



A FALTA DE INTÉRPRETE NA SALA DE AULA E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DO SURDO NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE BARCARENA-PARÁ¹

Ana Paula Carvalho Pastana (Autora)

Graduanda do curso de Licenciatura em Biologia – turma 2016
Instituto Federal do Pará – IFPA

Dra. Diselma Brito (Orientadora)

Professora orientadora – Instituto Federal do Pará – IFPA -
Campus Abaetetuba

Resumo

Sabemos que para o aluno surdo desenvolver-se completamente é necessário um conjunto de materiais e profissionais formados para atender suas necessidades e sanar suas dúvidas. Diante deste panorama esta pesquisa teve como objetivo analisar as condições de ensino de uma aluna surda inserida no Ensino Médio de uma escola pública estadual do município de Barcarena – Pará. Com a presença de uma professora que não possui fluência em Libras e atua sem o auxílio e intermediação de um intérprete. Como ponto de partida foram feitos registros sobre as atividades na sala de aula e os relacionamentos da aluna surda com professores e colegas ouvintes nas aulas de Biologia. Foi perceptível que a escola não mudou com a presença da aluna surda, a professora tenta com gestos usuais explicar e perguntar coisas simples para a aluna, com o intuito de não deixar de respeitar seus limites, mas buscar de alguma forma que aquela aluna fosse alcançada por sua explanação. Além disso, verificou-se que a escola não disponibiliza materiais de recursos visuais além de livros, para que os professores possam adotar uma abordagem diferente, visando incluir verdadeiramente essa aluna com uma linguagem que todos entenderiam com facilidade.

Palavras-chave: Aluna Surda. Ensino Médio. Qualidade de Ensino.

INTRODUÇÃO

As abordagens e estratégias para atender os alunos surdos vêm sofrendo modificações, por motivos políticos, sócio-culturais, econômicos, entre outros, refletindo positiva e negativamente no âmbito educacional. Promovendo grandes debates entre os educadores e a comunidade surda. Esta comunidade, que depois de tantas batalhas travadas frente aos órgãos federais, estaduais e municipais conquistaram o direito de ter uma língua própria amparada pela Lei Federal n.º 10.436/2002 (BRASIL, 2002), garantindo também o direito de ter um intérprete em sala de aula.

O enfoque é na relação do surdo com o meio, nesse caso, a sala de aula que comporta alunos e professores, ambos contribuirão de maneira satisfatória ou não para

¹ Este trabalho é resultado dos estudos e pesquisas organizados a partir da disciplina Educação na Prática Educativa III, o que gerou meu Trabalho como critério avaliativo.



que essa inclusão seja efetiva, de acordo com Pedroso (2001), onde afirma que a falta de formação dos professores para ensinar alunos surdos e conseqüentemente o uso de procedimentos inadequados, foram fatores responsáveis pelo fracasso escolar de alunos surdos, baseado em sua entrevista realizada com surdos adultos.

O conteúdo teórico de Biologia confunde um pouco os alunos, por fazer uso de inúmeros termos científicos para identificar características morfológicas e moleculares dos seres vivos. O que leva o professor dessa disciplina a pesquisar métodos para reinventar-se, sendo capaz de atender ao aluno surdo com qualidade. Visando entender como esses métodos são aplicados na prática selecionei uma escola estadual localizada no município de Barcarena – PARÁ, no baixo Tocantins para analisar e identificar as formas desenvolvidas para que uma aluna do ensino médio assimilasse o conhecimento transmitido por uma professora de biologia.

É importante ressaltar que essa pesquisa vem mostrar a realidade inclusiva a que os alunos(as) surdos(as) dessa escola estão sujeitos e, as condições oferecidas pela classe comum, para que esses alunos sintam-se a vontade, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Kimura (2008) afirma que a estrutura física assim como o material disponível nas escolas públicas brasileiras é um ponto a ser considerado de importância fundamental para o desenvolvimento do aluno e para a qualidade das aulas do professor.

Jesus et al (2015) ressalta que a escolarização dos alunos público alvo² da Educação Especial, ainda expressa marcas intensas das desigualdades escolares e, desinteresses que tornam o processo de escolarização para os mesmos, em muitos momentos, permeados por elementos que produzem exclusão dentro da própria escola.

Nóvoa (1992), acredita que o como fazer dos professores está intrinsecamente relacionado ao por que fazer; para que fazer e para quem fazer. Assim, as práticas Metodológicas voltadas para o aluno com surdez afetam diretamente a qualidade do seu ensino. Entramos então na falta de formação dos professores para ensinar o aluno surdo.

² O Documento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de janeiro de 2008, passou a considerar como público alvo da educação especial os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, não usando mais o termo “necessidades educacionais especiais”.



Silva e Pereira (2003) observaram que na teoria os professores acreditam no potencial dos alunos em questão e na inclusão, porém, suas atitudes levam as autoras a perceberem que os professores exigiam menos deles. Concluindo que esses professores possuem concepções equivocadas em relação à surdez.

RESULTADOS E DISCURSÕES³

No que diz respeito à **análise do espaço**, foi identificado que a sala do atendimento escolar especializado-A.E.E. é climatizada, com boa iluminação e alguns materiais pedagógicos. Apenas a coordenadora do AEE faz os atendimentos dos alunos. Na sala do ensino regular, não há nenhum recurso áudio visual como: televisão, data show ou algum quadro multifuncional, apenas o quadro branco. Na maior parte do tempo a iluminação é natural e insuficiente. A ventilação fica por conta de dois ventiladores enferrujados e de aberturas nas paredes laterais e superiores do espaço.

Com relação à categoria **interação e aceitação da aluna surda pelos demais alunos**, apenas três amigas da aluna tentam estabelecer a comunicação, sendo que há um total de quarenta e sete alunos na classe. Os demais exalam um desinteresse evidente pela colega de turma. Ao questionar os alunos a respeito do que conheciam sobre Libras, salvo uma menina que possui o conhecimento básico, os outros relataram que desconheciam. Ao perguntar se alguém tenta ajudá-la, ela responde: “*eles não sabem*”.

No que diz respeito às **aulas, métodos de ensino e avaliação da professora de Biologia**, sem o suporte de um intérprete a professora usa o quadro para passar o conteúdo juntamente com o livro de biologia que foi disponibilizado para os alunos. Durante a explicação do assunto abordado, utiliza gestos comuns do cotidiano para tentar demonstrar o que está buscando ensinar para a todos, incluindo a aluna surda, como: comer, grande, pequeno, positivo, negativo, ok. Aponta para os nomes no quadro e a aula segue. A quantidade de alunos não lhe favorece, quarenta e sete alunos “ditos normais” e mais uma aluna surda. Formada pela Universidade Federal do Pará-UFGPA, estudou Educação Especial, mas não fez nenhuma vivência na área. Não tem domínio de Libras. Avalia a aluna surda como qualquer outro aluno, sem provas diferentes, as qualitativas são as atividades que todos fazem em casa e trazem para a professora dar visto. Esse é um caso explícito de integração, onde o aluno é colocado no meio dos “ditos normais” e luta para se igualar, sem a

³ O resultado da pesquisa foi agrupado em três categorias para discussão (**análise do espaço, interação e aceitação da aluna surda pelos demais alunos e métodos de ensino e avaliação da professora de Biologia**).



ajuda de ninguém. Sem um projeto político pedagógico eficaz visando atender e trazer à luz a inclusão tão almejada.

CONCLUSÃO

Sabemos que uma boa iluminação faz toda diferença para o processo de aquisição do conhecimento. Juntamente com uma ventilação adequada propicia o mínimo de conforto para que os alunos em geral consigam focar no que o professor está explicando durante a sua aula. Levando em consideração também o tempo que os mesmos ficam confinados nesse espaço. De acordo com o que foi observado, a escola não apresenta um local totalmente adequado para a prática estudantil. No A.E.E. o ambiente é mais agradável e propício à aprendizagem, com a quantidade adequada de alunos e materiais específicos disponíveis.

A professora de biologia não é acompanhada de um intérprete para intermediar a comunicação com a aluna surda. Na grade curricular durante sua formação foi disponibilizada a disciplina Educação Especial, o que não lhe atentou para a necessidade de se qualificar para atender o público alvo dessa área. Lembrando que a professora foi formada pela Universidade Federal do estado. É constatada a falta de comprometimento e fiscalização dos órgãos responsáveis quando nos deparamos com esse cenário comovente.

Infelizmente a aluna surda observada tem muitas perguntas pertinentes à disciplina de biologia, todavia a professora não consegue entender sua linguagem para auxiliá-la durante os exercícios e as provas. Com relação aos amigos de classe, apenas três meninas do total de quarenta e sete alunos tentam aprender sua língua para manter um diálogo ao menos superficial. É notável que essa questão impede a evolução do potencial dessa aluna. O limite da linguagem lhe afasta consideravelmente do universo de oportunidades que surgiriam se os demais alunos despertassem o interesse por essa língua magnífica que é a Libras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.** Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

PEDROSO, C. C. A. **Com a palavra o surdo: aspectos do seu processo de escolarização.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2001.



JESUS, Denise Meyrelles de, et al. **Atendimento Educacional Especializado e Processos de Avaliação: o que dizem as narrativas dos professores?** Revista Cocar. Belém/Pará, Edição Especial, N.1, p. 11-36/ jan-jun 2015.

SILVA, A. B. de P.; PEREIRA, M. C. da C. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 19 n.2, p. 173-176, mai./ago. 2003.

NÓVOA, A. **Vida de professores.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas.** São Paulo: Contexto, 2008.